

ASPECTOS DA COESÃO NO TEXTO FALADO

Leonor Lopes Fávero*

Resumo: *A análise dos elementos de coesão no texto falado deve ser feita de forma um pouco diferente da que se faz no texto escrito já que, no primeiro, as seqüências coesivas não aparecem marcadas, porém são encontrados elementos de referência, de recorrência e de seqüenciação estrita. O texto exemplifica com material do Projeto NURC-SP esses elementos*

Palavras-chave: *língua falada, textos falados, coesão, seqüências coesivas.*

1. Fala e Escrita

Muitas pesquisas têm sido realizadas ultimamente sobre a língua falada, porém ainda sabemos pouco sobre ela.

A expressão **língua falada** em sentido **amplo** caracteriza o uso da língua na atividade da fala em oposição a seu uso na **escrita**; em sentido **estrito**, opõe-se à expressão língua oral. A oralidade é uma característica necessária, mas não suficiente da língua falada que deve satisfazer, simultaneamente, às condições:

- a) ser uma fala em situação face a face (tempo e lugar devem coincidir; conversas telefônicas também apresentam essa característica); gestos, olhares completam a verbalização, desempenham, também papel importante;
- b) consistir numa formulação sem preparo minucioso anterior; é planejada **localmente**, isto é, é uma atividade administrada **passo a passo**, **criação coletiva**, já que locutor e alocutário constroem o texto em conjunto.

O fato de a elaboração se dar localmente confere à fala uma característica que Chafe (1979) denomina **fragmentação**, resultante em parte de sua natureza espontânea que reflete provavelmente a natureza do pensamento (aos borbotões), em contraste com uma maior integração na escrita.

* Professora Livre-Docente do Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo.

A rapidez com que o locutor constrói a fala tem conseqüências no controle do fluxo da informação, conduzindo-o a descontinuidades nesse mesmo fluxo, reveladas por fenômenos como repetições, paráfrases, analocutos, correções, hesitações e outros; assim, a fala vai mostrando seus próprios processos de criação, ao contrário da escrita, que tende a escondê-los, mostrando só os resultados.

Embora tanto no texto escrito quanto no falado o sistema lingüístico seja o mesmo para a construção das frases, "as regras de sua efetivação bem como os meios empregados são diversos e específicos o que acaba por evidenciar produtos diferenciados" (Marcuschi, 1986, p. 62).

Akinnaso (1982) também observa que as duas modalidades derivam de uma mesma base semântica, fazem uso do mesmo sistema léxico-sintático, variando principalmente na escolha e na distribuição dos modelos sintáticos e do vocabulário, isto é, fala e escrita são, como já se afirmou aqui, variações funcionais do mesmo sistema lingüístico.

Os estudos sobre a língua falada ocupam hoje uma posição de destaque, por exemplo, nas questões relativas ao ensino de Português, porque o aluno já sabe falar quando entra na escola e, nos primeiros anos de escolarização, a fala influencia a escrita, principalmente na grafia.

De modo geral, as gramáticas, tomando a escrita como parâmetro, colocam a fala como o lugar do erro. Outro fato bastante comum é o de associar a língua falada com níveis de realização da fala: "a fala não tem regras, é informal, já a escrita tem regras, é formal".

Ochs (1979) já afirmou que tanto a fala como a escrita abarcam um continuum que vai do mais informal ao mais formal, passando por graus intermediários. A autora registra quatro graus de planejamento: falado não planejado, falado planejado, escrito não planejado e escrito planejado e indica que a tendência da língua falada é para o não planejado. Um mesmo indivíduo apresentará desempenhos diversificados quanto ao grau de formalidade/informalidade, variando conforme as condições de produção para efetivação de seu texto.

Um estudo das diferenças e semelhanças entre fala e escrita precisa levar em conta o aspecto da coesão e da coerência dos textos, visando a sua organização. Não é propósito deste artigo examinar essas diferenças e semelhanças¹, nem como se deve dialogar com nosso interlocutor, mas detectar alguns fenômenos que ocorrem na fala no âmbito da coesão aqui considerada no nível estritamente superficial.

2. Coesão no Texto Falado

A análise da coesão no texto escrito tem sido um dos aspectos mais estudados pela Lingüística Textual, porém ainda não recebeu uma atenção especial no estudo do texto falado.

¹ Remeto o leitor para o trabalho de Fávero, Andrade e Aquino (1994).

Os estudos mostram que ele é altamente estruturado e passível de uma análise profunda, isto é, muitas das regras usadas implicitamente pelos falantes podem ser explicitadas, porém, como afirmam os especialistas, analisar a coesão no texto falado é enfrentar uma questão polêmica, já que se trata de um fenômeno de poucas evidências empíricas.

Como diz Marcuschi (1988, p. 2): "*Os termos coesão e coerência estão longe de uma definição clara. Na conversação, a coesão não pode ser definida em termos estritamente formais, pois o texto se produz dialogicamente na concordância de dois ou mais agentes. A coerência não é uma unidade de sentido, mas uma dada possibilidade interpretativa resultante localmente. Dois interlocutores se entendem, não só porque são coerentes no que dizem, mas principalmente porque sabem do que se trata em cada caso. E quando não sabem, manifestam seu descontentamento de modo a integrá-lo com parte efetiva de seu próprio texto*".

Assim, entre dois segmentos **a** e **b** pode haver um terceiro (**c**) que não tem nada a ver com eles, mas que manifesta o estranhamento, como em: "Bom, o que isto tem a ver com o assunto de que estamos tratando?" ou "*Mas, porque você está falando nisso agora?*".

A coesão é um subproduto da coerência e não é condição nem necessária nem suficiente para esta última, pois pode haver textos destituídos de coesão, mas cuja textualidade se dá no nível da coerência (Giora, 1985, p. 702).

Segundo Vuchinich (1977, p. 233), a coesão é uma propriedade fundamental, subentendida no texto falado, e é justamente por isso que as seqüências coesivas não aparecem marcadas, quer dizer, é a ausência de coesão que é marcada, não sua presença.

3. Marcas da coesão no texto falado.

Tendo em vista a natureza do texto falado, a análise dos elementos de coesão deve ser feita de uma forma um pouco diferente da que se faz no texto escrito; parece que a diferença não ocorre no processo, mas nos recursos empregados com mais freqüência, já que encontramos, nos dois tipos de textos, elementos de referência e de seqüenciação estrita (Fávero, 1989 e 1995).

Na análise aqui efetuada, como exemplificação, serão utilizados exemplos extraídos do material do Projeto Norma Urbana Culta de São Paulo.

3.1 Coesão referencial - reiteração. Repetição do mesmo item lexical.

As repetições favorecem a coesão, porém esta não é sua única função, já que contribuem especialmente para a organização tópica; têm alta incidência na fala

espontânea, advinda de uma característica do texto falado em que planejamento e execução co-ocorrem.

(1) No inquérito 343, os interlocutores falam sobre a cidade de São Paulo e o Locutor₁ diz:

l. 26 L₁ ruas mais ou menos sujas ... ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né? ... achei horrível ... **feio feio feio** ... e toda segunda à noite eu passo ali do lado da faculdade certo?.

A repetição provoca aqui uma desaceleração do ritmo do fluxo informacional por ênfase de um elemento importante – o adjetivo **feio**. Já no Inquérito 338 (Elocução Formal), as muitas repetições justificam-se por se tratar de uma aula em que há preocupação de fazer os alunos entenderem, de ser claro (talvez em excesso):

(2) L13 fazem... éh::... ah quais as razões que levam as pessoas a... demandarem moeda a procurarem moeda a guardarAremmoeda...a moeda como tal... o que... por que as pessoas retêm moeda ao invés... de comprar títulos... comprar artigos comprar imóveis... o que faz com que num determinado instante de tempo as pessoas tenham moeda... no bolso... ou seja quais os motivos que explicam a demanda de... moeda... por que as pessoas procuram moeda por que as pessoas reTÊM moeda... essa é a nossa preocupação... hoje... ((tosse)) razões ou motivo pela quais as pessoas... éh:: demandam... moeda... existem três motivos clássicos... pelos quais as pessoas... retêm moeda... são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção de moeda uma demanda de moeda... por... motivo... tran-sa-ção... existe uma demanda de moeda por motivo... pre-cau-ção... es/esses dois tipos de demanda de moeda já... já foram... éh discutidos pelos clássicos pelos economistas clássicos...

Já em (3), inquérito nº 360, temos um caso comum de coesão, uma auto-repetição oracional que pode evidenciar a não agilidade na busca da melhor expressão:

(3) L₂ fala do filho de cinco anos que não gosta de acordar de manhã para ir à escola, mas que acorda cedo nos dias em que não há aula.

l. 374 L₂ ele já ia à escola da manhã que eu comecei quando eu comecei trabalhar... comecei a trabalhar há dois anos... só antes eu não trabalhava... e quer dizer que então... ele já ia à escola de manhã porque eles dormem sete sete e meia e acordam seis e meia... é o horário normal deles.

A repetição no meio do turno, como nesse exemplo, de incidência bastante elevada, pode significar também um recurso para continuar falando.

Em (4), a heterorrepetição constitui um meio para ter acesso ao turno:

(4) L₂ fala da dificuldade que seu marido, que faz seleção de pessoal, tem em encontrar profissionais competentes.

l. 971 Doc. de BAIXa procura e ao mesmo tempo que se necessita dessa ela...é difícil

[
L2 é é é difícil de de encontrar... uhn uhn normalmente é difícil por /ah:: não não sei assim por especialida::de... não na/na/ não sei ah e às vezes

a dificuldade que se encontra porque tem muito::s... executivos... de idade... mais ou menos razoável dentro do que eles querem porque...

3.2 Coesão recorrencial - Paráfrase.

A paráfrase é um mecanismo de reformulação pelo qual se restaura "bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte, num texto derivado" (Fuchs, 1983).

Como articuladora entre informações antigas e novas, contribui para a coesão textual, pois, tendo todo texto uma multivocidade inerente, o enunciador não só restaura o texto-fonte de modo diferente, ao interpretá-lo, mas também faz uma interpretação do texto-derivado quando o produz como paráfrase².

Observem-se os textos:

(5) l. 41 L₁ me parece que está ahn... envelhecida a cidade né?... ahn:: muita construção... antiga não tem muita construção nova
(Inq. 343, p. 18).

(6) L202 L₁ aí um dia que ele fixa be/mal pra burro entra numa fossa não sabe mais o que fazer.

L₂ aí que ele começa a ficar bem

[
L₁ se estrepa todo...

L₂ mesmo porque aí que vai procurar ajuda né?

[
L₁ aí ... ele vai procurar terapia né?

(Inq. 343, p. 22).

2 Para um estudo da paráfrase consulte-se o trabalho de J. G. Hilgert (1989) *A Paráfrase: um processo de constituição do diálogo*. São Paulo, USP, Tese de Doutorado.

No exemplo (5) temos uma paráfrase explicativa, pois L_1 , ao dizer **envelhecida**, explica o que significa envelhecida: haver muitas construções antigas e poucas novas; em (6) há uma paráfrase **reduzidora**, pois ao tempo em que L_2 diz **vai procurar ajuda**, L_1 esclarece **vai procurar terapia**, reduzindo **ajuda** que permite uma pluralidade de acepções a terapia que possui uma acepção específica.

3.3 Coesão sequencial - por conectores

Observe-se agora outro trecho do mesmo inquérito nº 360 em que as locutoras falam do planejamento familiar. O conector **e** aparece interturnos e intraturnos, exercendo diversas funções, indicando, por exemplo, continuação, constituindo um elemento de coesão ou funcionando como um marcador conversacional para manter a fala (o turno) ou para "assaltá-lo".

- (7)l.30
- L1 e::
L2 e daí o entusiasmo para Nove filhos...
L1 exatamente nove ou dez...
L2 [()]
L1 é e:: mas... depois diante das dificuldades de conseguir quem me ajudasse... nó::s paramos no sexto filho...
L2 ahn ahn
L1 não é?... e... estamos muito contentes e...
L2 e dão muito trabalho tem esses problemas de juventude esses negócios ()

Considere-se ainda o exemplo (8) onde se encontram vários usos do **e** intraturnos e o marcador **e tudo o mais**, de encurtamento de tópico, pois supõe-se terem os interlocutores já compreendido:

- (8)l.1571 L_1 um colegial profissionalizante para que eu tivesse chance de já trabalhar assim... que formar não é? e:: daí me empolguei pelo magistério lectionei algum tempo... e:: ao terminar o normal eu logo optei pela pedagogia que era um curso assim que dá uma cultura... geral Boa não é?... ah o nosso curso foi... bem dado e tudo mais e eu gostei... e não fiz outra:: outras especializações dentro outras especializações não... outra:: não segui outras carreiras ah::... que o curso de pedagogia daria possibilidade como o caso da orientação educacional... que:: no quarto ano eu poderia ter feito... e a psicologia clínica também que:: eu poderia ter feito no quarto ano como

opção... entre a licenciatura... ou ou a licenciatura em pedagogia ou a psicologia clínica sem vestibular naquele tempo era... possível... e:: eu não fiz por falta de tempo porque eu me casei.

CONCLUSÃO

Como se pôde ver, é possível analisar a coesão no texto falado, mas ela deve ser feita diferentemente da que é feita no texto escrito, pois ela se produz dialogicamente, isto é, ela se constrói na interação entre os interlocutores.

BIBLIOGRAFIA

- AKINNASO, F.N. (1982). "On the differences between spoken and written language". *Language and Speech*, 25, p. 97-125.
- CASTILHO, A.T. e PRETI, D. (orgs.) (1986). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: Elocuções Formais*. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, vol. I.
- _____. (1987). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: diálogo entre dois informantes*. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, vol. II.
- CHAFE, W.L. (1979). "Integration and involvement in spoken and written language". Vienna, 2 nd. Congress of the International Association for Semiotic Studies.
- FÁVERO, L.L. (1989). "Rediscutindo a coesão e a coerência". Anais do Seminário do GEL.
- _____. (1995). *Coesão e Coerência Textuais*. São Paulo, Ática, 3ª ed.
- FÁVERO, L.L., ANDRADE, M.L.C.V.O. e AQUINO, Z.G.O. (1994). "Fala e Escrita: Diferença e Integração". Anais do XLI Seminário do GEL, São Paulo.
- _____. (1996). "Estratégias de Construção do Texto Falado: a Correção". in KATO, M.A. (org.) *Gramática do Português Falado*, Vol. VI. UNICAMP/FAPESP, p. 355-366.
- GIORA, R. (1985). "Notes towards a theory of text coherence". *Poetics Today*, 6: (4), p. 699-715.
- MARCUSCHI, L.A. (1986). *Análise da Conversação*. São Paulo, Ática, Série Princípios, v. 82.
- _____. (1988). *Coesão e Coerência na Conversação*. Recife, UFPE, Mimeo.
- OCHS, E. (1979). "Planned and unplanned discourse" in: GIVÓN, T. ed. *Discourse and syntax*. New York, Academic.
- UCHINICH, S. (1977). "Elements of Cohesion between turns in Ordinary Conversation" in *Semiótica*, 20, 3-4, p. 229-257.

Abstract: *The analysis of spoken text cohesion elements must be different from the analysis of such elements in written texts since spoken texts only present cohesion sequences through reference, repetition and sequence elements. This text brings examples of such elements as they appear in the material of Projeto NURC-SP.*

Keywords: *Spoken language, spoken texts, cohesion, cohesive sequences.*

Tradução